

MÚSICA NA PONTA DA LÍNGUA: O ROCK NACIONAL EM PRÁTICAS DE MULTILETRAMENTOS

Maria Eduarda Lopes Tomaz ¹
Mirelle da Silva Freitas ²

RESUMO

Este trabalho tem por finalidade apresentar um modelo didático de ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa com o uso de músicas do rock brasileiro dos anos 80, de forma a contemplar a pedagogia dos multiletramentos e aprimorar a capacidade leitora de estudantes do Ensino Médio. Para o ensino aprendizagem de Língua Portuguesa, a música apresenta relevância ao ser utilizada como uma ferramenta didática em práticas educativas materializadas em eventos de letramentos, tornando possível a criação de aulas mais dinâmicas e atrativas e, também, o uso reflexivo da língua. No que concerne à estrutura da proposta de modelo didático, elaborou-se três etapas, a saber: ficha diagnóstica, oficina de leitura e música e ficha de autoavaliação. A pesquisa foi desenvolvida sob o caráter qualitativo, quanto à abordagem, visto que se propôs investigar uma dinâmica das relações sociais, em busca de compreendê-la e explicá-la. Quanto aos objetivos, trata-se de uma pesquisa exploratória, posto que objetiva explorar as informações sobre o assunto a ser investigado, com a intenção de expandir os conhecimentos acerca das temáticas estudadas e torná-las mais compreensíveis. Por último, esta é uma pesquisa que desenvolveu-se mediante a abordagem de uma pesquisa bibliográfica, revisando as contribuições de teóricos como Rojo (2002, 2009, 2019), Kleiman (2005), Soares (2004) e Marcuschi (2008), que trazem estudos acerca dos Letramentos e Multiletramentos, ensino-aprendizagem de língua materna e gêneros textuais no ensino. Em suma, as reflexões suscitadas evidenciaram a necessidade de a escola assumir a posição de uma agência de democratização de letramentos, ampliando as práticas e culturas contempladas pela educação escolar, permitindo assim a formação humana de estudantes éticos e críticos.

Palavras-chave: Rock brasileiro, Multiletramentos, Ensino-aprendizagem.

INTRODUÇÃO

O avanço das novas mídias de informação e comunicação tem alterado de forma significativa não só as relações humanas, mas também o uso que se dá à linguagem e à variabilidade de construção de significados que dela provém. Considerando que tais

¹ Graduada em Letras - Língua Portuguesa pelo Instituto Federal do Tocantins - IFTO/TO, maria.eduarda@professor.to.gov.br.

² Doutora em Linguística pela Universidade Federal de São Carlos - UFSCar/SP, mirelle.freitas@ifto.edu.br.





significados partem de diferentes contextos culturais e sociais, bem como da relação direta existente, e cada vez mais evidente, entre textos escritos, orais, visuais, auditivos e gestuais, entre outros. Surge, então, a demanda de uma sala de aula que privilegie e renove tanto as representações escritas já presentes em tal cenário, como as representações multimodais provenientes da mídia digital.

Em função dessas transformações que as novas mídias de informação e comunicação trouxeram para os processos de significação, evidenciando os textos multimodais que circulam nos meios digitais e também as múltiplas culturas que caracterizam cada um dos contextos nos quais se dão as práticas de leitura e escrita nas sociedades, não é mais suficiente apenas saber decodificar letras em palavras e depois em frases. Muito mais que isso, tais variedades exigem que as pessoas saibam se engajar, através da leitura e escrita, em práticas letradas que exigem de seus atores maior criticidade e a percepção de que existem outras linguagens além da linguagem verbal escrita.

A partir desse entendimento, a pedagogia dos multiletramentos acentua os traços múltiplos inerentes aos letramentos, culturas e textos que desenrolam-se nas sociedades, a fim de favorecer o trabalho pedagógico com todas essas representações. Acreditando que o ambiente escolar e a Educação Básica são espaços privilegiados para o ensino-aprendizagem dos mais diversos tipos de saberes produzidos e acumulados pela humanidade no decorrer da história, a prática com os multiletramentos é fundamental para o aprimoramento das capacidades leitoras, aqui colocada em destaque, e também da capacidade escritora e da oralidade dos alunos.

Portanto, esta pesquisa explora como as temáticas da sociedade se materializam em gêneros textuais, tal como a letra de música. Por isso, tem-se a finalidade pautada no desenvolvimento de uma atividade que contemple práticas dinâmicas e interativas, com a preferência individual da pesquisadora pelo rock brasileiro dos anos 80, gênero musical que, como tantos outros, faz um resgate do passado para nos ajudar a compreender o presente, se mantendo acrônico em suas letras e significados. Além de ser uma forma de dar maior foco para uma temática que comumente não é própria da cultura escolar, mas que é própria da cultura brasileira.

Dessa forma, este estudo desenvolveu-se a partir da intenção de elaborar uma proposta didática que privilegie o uso da música, mais especificamente o rock brasileiro dos anos 80, em aulas de Língua Portuguesa (LP) voltadas para o Ensino Médio, almejando responder a





alguns questionamentos, a saber: De quais formas o professor pode trabalhar com a música nas aulas de LP?

Dessa maneira, a proposta de um modelo didático que, a partir da pedagogia dos multiletramentos, faz uso da música em aulas de LP se mostra como uma contribuição para licenciandos e professores que manifestam interesse similar em investigar e construir processos de ensino mais participativos, que podem resultar em uma aprendizagem mais significativa.

METODOLOGIA

Para a realização desta pesquisa, trabalhamos com o paradigma qualitativo, uma vez que, de acordo com Silveira e Córdova (2009, p. 36), ele “possibilita uma aproximação e um entendimento da realidade a investigar, como um processo inacabado”, perspectiva também corroborada por Fonseca (2002). Trata-se de uma pesquisa básica, uma vez que lidamos com o planejamento de uma proposta de modelo didático de ensino-aprendizagem de LP com música. Quanto aos objetivos, refere-se a uma pesquisa exploratória, conceituada por (GIL, 2002, p. 41) como uma pesquisa que “tem como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses”. Em outras palavras, a partir do desenvolvimento de uma proposta didática, visamos explorar as informações sobre o assunto a ser investigado, com a intenção de expandir os conhecimentos acerca das temáticas estudadas e torná-las mais compreensíveis.

Isso posto, evidenciamos que foi feita pesquisa bibliográfica, ancorada em estudos acerca dos Letramentos, Multiletramentos, Gêneros Textuais e ensino, advindas de estudiosos como Rojo (2002, 2009, 2019), Soares (2003), Kleiman (2005) e Marcuschi (2009), para a construção da fundamentação teórica desta pesquisa, fundamental para embasar e orientar a elaboração da proposta de atividade em questão.

Elencamos músicas do rock brasileiro dos anos 80, a fim de desenvolver um modelo didático de ensino-aprendizagem de LP com o uso da música como ferramenta facilitadora. Essa escolha se deu mediante a forte presença de temáticas históricas, sociais e políticas presentes nessas canções, o que julgamos poder levar o aluno a se reconhecer e se posicionar enquanto ator social e crítico, reafirmando a sua identidade construída. Sendo a música um gênero híbrido, em nosso modelo didático destacamos a música em sua forma sonora e escrita, ou seja, as letras da música e sua melodia, para utilizar como objeto de ensino.





A respeito da escolha do público-alvo, refere-se a estudantes recém-ingressos na dinâmica do Ensino Médio. Apesar do modelo didático ter sido pensado para esse público em específico, tal particularidade não se configura como uma barreira que impede a sua aplicação em outras séries do Ensino Médio e Ensino Fundamental, visto que tal modelo serve não como um padrão a ser seguido, mas como uma proposta que pode ser adaptada às necessidades e especificações dos sujeitos envolvidos.

REFERENCIAL TEÓRICO

Ler e escrever são atos complexos que exigem muito mais que apenas codificar e decodificar palavras. De acordo com Rojo (2002, p. 3), tais capacidades de decodificação de textos são sim importantes, todavia, não esgotam a amplitude do ato de ler — esse “que envolve conhecimento de mundo, conhecimento de práticas sociais e conhecimentos linguísticos muito além dos fonemas”. Para nomear o fenômeno do ensino da leitura e escrita, temos o termo “alfabetização”, conceituado como “a ação de alfabetizar, de ensinar a ler e a escrever, que leva o aprendiz a conhecer o alfabeto, a mecânica da escrita/leitura, a se tornar alfabetizado” (ROJO, 2009, p. 60), sendo a escola a principal agência que promove a alfabetização.

Todavia, a partir do final da década de 1980 e início dos anos 1990, o conceito de alfabetização, que deslocou-se por diferentes formulações no decorrer dos anos e das sociedades, passa a não ser suficiente para abarcar os usos e as práticas sociais de linguagens — surge, então, o termo “letramento”. Compreende-se que o letramento amplia os significados que o conceito de alfabetização já trazia antes, mas agora se remetendo à apropriação da leitura e escrita pertencentes às práticas sociais situadas. Cabe ressaltar que, conforme Kleiman (2005, p. 9), ambos os conceitos não se anulam e nem se superam.

Nesse ínterim, de acordo com Rojo e Moura (2019, p. 18), começou-se a notar que os aspectos que envolvem o letramento, tais como contextos, culturas e comunidades são os mais diversos. Logo, teve-se a necessidade de passar o termo “letramento” para o plural, tornando-se assim “letramentos”. Ademais, não somente os letramentos eram variados, como também os textos que circulavam nas práticas letradas, que com o advento das novas mídias e das transformações globais, trouxeram novas perspectivas para se encarar os textos e os letramentos, surgindo, assim, a necessidade de expandir o conceito de letramento(s).

Assim, o novo termo cunhado, “multiletramentos”, despontou para ressaltar dois





aspectos importantes: a diversidade cultural e a diversidade de linguagens dos textos contemporâneos. Dessa maneira, constata-se “uma explosão multiplicativa dos letramentos, que se tornam multiletramentos, [...] (imagens estáticas e em movimento, música, dança e gesto, linguagem verbal oral e escrita etc.)” (Rojo; Moura, 2019, p. 20).

Portanto, os multiletramentos tornam-se importantes na medida em que são eficientes para a formação de alunos críticos, que enxergam seu entorno constituído por múltiplas culturas, múltiplas linguagens, e que sabem exercer sua ética e democracia. Em outros termos, significa “enfocar [...] os usos e práticas de linguagens [...], para produzir, compreender e responder a efeitos de sentidos, em diferentes contextos e mídias” (Rojo, 2009, p. 119). Conseqüentemente, será possível “garantir que o ensino desenvolva as diferentes formas de uso das linguagens (verbal, corporal, plástica, musical, gráfica etc.) e das línguas (falar em diversas variedades e línguas, ouvir, ler, escrever).” (Rojo, 2009, p. 119).

Em continuidade, à vista das novas demandas que surgiram na contemporaneidade, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) traz considerações acerca do impacto das novas mídias na educação e da importância do trabalho docente considerar as diferentes linguagens. Nela, é expresso o entendimento de que os textos atuais têm-se organizado de maneira multissemiótica, incorporando diferentes linguagens, como a verbal, oral, visual-motora, corporal, visual, sonora e digital, de modo que tais semioses devem ser exploradas em sala de aula. Para isso, é indicada a realização de momentos de “reflexão que envolvam o exercício de análise de elementos discursivos, composicionais e formais de enunciados nas diferentes semioses” (Brasil, 2018, p. 486), permitindo que o estudante tenha acesso aos saberes que integram a cultura digital, mas também incentivando a valorização dos letramentos locais, gerando práticas sociais na qual a juventude se reconheça dentro de uma cultura. Isso posto, ao indicar que os estudantes adentrem práticas sociais que considerem as diferentes semioses, ultrapassando os textos que circulam no meio impresso, reconhece-se o conceito de multiletramentos.

Ainda, a música é um gênero híbrido, isto é, acontece mediante as linguagens verbal e a musical (Costa, 2002). Assim, entendemos que a produção de sentidos e significados acontece quando o artista, por meio de suas criações, traduz sentimentos, posicionamentos e pensamentos, entre outros. Tendo em consideração essa multiplicidade de gêneros, estilos e ritmos musicais, Cazusa e Renato Russo revelaram-se como artistas que tocaram o Brasil, ao atuarem como porta-vozes de uma geração descontente, indignada e esperançosa pela





chegada de dias melhores. Em meio a um país que vivia um lento processo de redemocratização e ainda recolhia efeitos da Ditadura Militar de 1964, as músicas do rock brasileiro despontaram falando sobre e para o Brasil (Caneppele, 2015, p. 178).

Em outras palavras, as músicas do rock nacional dos anos 80 expressam aspectos do meio social que marcaram aquele período, como também atuam ativamente no ser-cidadão, reconstruindo concepções e comportamentos. Com isso, a música enquanto manifestação cultural, ao traduzir anseios coletivos e penetrar em diferentes camadas da população, opera também na formação de uma identidade nacional (Grangeia, 2011). Não somente, Vanna (2003) acrescenta que, ao passo que atinge diferentes públicos, ela cria um caminho para a democratização da cultura letrada, indo ao encontro do que, igualmente, anseia a escola enquanto agência de letramentos.

Em vista disso, identificamos que canções como *Que País É Este*, de Legião Urbana e *Ideologia*, de Cazuza, abrem espaço para a interlocução entre texto, autor e leitor, e instiga o seu público ouvinte a rever e questionar posturas passivas diante da realidade social brasileira (Grangeia, 2011). Além disso, estando a música caracterizada como objeto de ensino, é válido que, seguindo as conceituações acerca dos gêneros textuais, se explore no ensino de LP a integração entre os aspectos históricos, sociais e técnicos materializados nas músicas, e também as intenções comunicativas que a atravessa.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para a elaboração da ficha diagnóstica e da ficha de autoavaliação, nos apoiamos na dissertação *Reflexões a partir da perspectiva dos letramentos críticos: a experiência em aulas de Língua Espanhola no CEL-SP*, de Pinto (2016). Já para a elaboração dos encontros que compreendem a oficina de leitura e música, levamos em consideração as contribuições de Rojo (2002, 2009, 2019), Antunes (2003) e Grangeia (2011).

Ficha diagnóstica: perfil e conhecimentos prévios dos alunos

O primeiro passo para a construção de nosso modelo didático consistiu na elaboração de uma ficha diagnóstica para sondagem inicial do perfil e interesse dos estudantes, de forma que o professor tenha também uma ferramenta para apurar os conhecimentos prévios dos alunos. Escolhemos utilizar a ferramenta *online Padlet* pela possibilidade de criar quadros virtuais e interativos, intercalando textos escritos, imagens e vídeos. Portanto, as perguntas





estão dispostas em um quadro virtual que se configura como um *feed* vertical, de modo que o conteúdo está organizado de forma progressiva, facilitando a leitura. Entre as perguntas, adicionamos ao *Padlet* GIFs, memes e posts retirados das redes sociais, gêneros textuais que estão presentes no dia a dia dos estudantes. Além disso, adicionamos uma *playlist*, por meio das plataformas de áudio e vídeo *Spotify* e *Youtube*, com músicas temáticas do rock e pop brasileiro, para que o estudante possa ouvir as músicas antes da realização da oficina de leitura e música.

As perguntas abertas que compõem a ficha diagnóstica exploram temáticas como: acesso a internet e as tecnologias utilizadas para os estudos; a preferência dos alunos quanto a ferramentas que são utilizadas em aula pelo professor; o nível de interesse pela leitura de gêneros textuais diversos; o nível de afinidade ou dificuldade dos alunos ao realizar uma leitura; e o nível de familiaridade com o rock brasileiro dos anos 80. Além de responder as perguntas, os alunos também podem visualizar e interagir com as respostas dos outros alunos, interação esta que pode ser feita por meio da postagem de textos diversos.

Tais perguntas objetivaram criar um espaço para que os alunos apresentem as suas percepções subjetivas sobre essas temáticas, de modo que o professor que atuará na aplicação da oficina de leitura e música possa ter subsídios para direcionar a sua prática docente, adequando-a às especificidades exigidas pelo contexto no qual ele está inserido. Como também para que os alunos possam fazer relações significativas entre os novos conhecimentos que serão produzidos e os conhecimentos prévios já estabelecidos (Vasco Moretto, 2001).

A oficina de leitura e música

As atividades que formam a oficina de leitura e música foram idealizadas para acontecer em três encontros, isto é, três aulas de 50 minutos cada. A seguir, em tópicos, delineamos a estrutura, objetivo, repertórios e avaliações que contemplam cada um dos encontros.

Encontro 1: Conhecendo o rock brasileiro dos anos 80

O objetivo deste encontro, configurado em uma aula expositiva e dialogada, é levar os alunos a conhecerem os aspectos históricos, políticos e sociais que marcaram o Brasil na década de 80 e que repercutem até hoje na sociedade brasileira. Com essa discussão, espera-se que os alunos consigam se aproximar de sua realidade e identidade enquanto cidadão





crítico, relacionando o passado e o presente. Além de buscar o desenvolvimento da noção de pertencimento entre os alunos e sua realidade, as discussões dessas temáticas serão importantes para a construção de uma bagagem de conhecimentos para a posterior escuta e leitura das músicas, de modo que tal leitura será orientada, também, pela identificação desses temas geradores.

Para começar, a professora deve retomar alguns questionamentos que foram propostos na ficha diagnóstica, sobretudo em relação ao conhecimento prévio dos alunos acerca da temática que será abordada na oficina. Em seguida, com o auxílio de slides, terá início a exposição acerca dos aspectos históricos, políticos e sociais que permeiam o Rock Brasileiro dos anos 80. Para isso, há espaço para a discussão sobre temáticas como a Ditadura Militar, o movimento político das Diretas Já, a violência urbana, a epidemia da AIDS e como ela esteve presente e afetou a vida e produção musical de artistas como Cazuza e Renato Russo. Durante esta exposição, os alunos devem tentar relacionar tais aspectos pertencentes ao passado do país, com a nossa realidade atual.

Além de expor os aspectos que formam o contexto no qual o Rock Brasileiro esteve inserido, é importante que os alunos entendam de que forma a população daquela época se posicionava frente à realidade vivida, como tal posicionamento foi materializado nas músicas de Cazuza e da banda Legião Urbana e, também, como foi a recepção das músicas pelo público. Intencionando atingir tais objetivos, serão utilizados trechos das músicas *Tempos Modernos*, de Lulu Santos (artista que também teve posição neste cenário musical) e *Geração Coca-Cola* da banda Legião Urbana.

Neste momento, a professora e os alunos podem também analisar a capa e trechos de uma polêmica reportagem publicada pela Revista Veja, em 1989, a respeito da relação de Cazuza com a AIDS. Nesta discussão, espera-se que os alunos sejam levados a refletir sobre o papel de uma reportagem, a ética na escrita de um texto público e o tabu que atravessa a questão da AIDS. Dessa forma, o professor será mediador desta prática reflexiva, ao ponto que seus alunos possam refletir sobre como a AIDS era vista na década de 80 e como ela é vista hoje em dia, desconstruindo preconceitos e tratando a questão com maior criticidade.

Por fim, os alunos ouvirão a música *Que País É Este?*, da banda Legião Urbana, de modo a identificar algumas das temáticas que foram abordadas em aula e refleti-las. Vale dizer que a intenção, por enquanto, não é a de que eles façam uma análise da canção de forma mais detalhada, mas apenas que os alunos tenham este primeiro contato com a música, em sua forma oral e escrita.



Encontro 2: De olho no texto

No segundo encontro da oficina, objetiva-se o desenvolvimento das noções acerca dos aspectos linguísticos e extralinguísticos de um texto, uma vez que “nem tudo o que é dito aparece literalmente na superfície do texto, ou melhor, está dito sob a forma literal das palavras” (Antunes, 2016, p. 78). E mais, segundo a autora, o sentido de um texto está não só no texto, no autor ou leitor. Na verdade, está em todos eles em conjunto, e está no que o leitor já conhece acerca daquele assunto. Novamente, afirma-se o valor do conhecimento prévio do aluno para a construção de sentidos e novos conhecimentos. É mediante a combinação das partes que se atinge o sentido e as intenções comunicativas de um texto.

Consistirá em uma aula expositiva e dialogada. Para começar, a professora irá retomar algumas conceituações já vistas na disciplina de LP, sendo a primeira delas o conceito de texto (um conjunto de ideias que formam sentido, desconstruindo a noção de que textos são só aquilo que tem palavras). Para isso, os alunos serão levados a se questionar o que é um texto e o que pode ser considerado um texto. Com o auxílio de slides, a professora irá conduzir essa discussão mediante a apresentação da campanha “Vidas negras importam”, movimento ativista que ganhou grandes repercussões no ano de 2020 e que teve como uma das formas de ação o compartilhamento de posts, no *Instagram*, de uma imagem toda em preto.

Após compreender a abrangência do conceito de texto, a professora irá expor os aspectos linguísticos (assunto, autor, público-alvo e data) e extralinguísticos (conhecimento de mundo, conhecimento contextual, intertextualidade e discursividade) que compõem os textos. Com isso, ao entender tais aspectos, os alunos poderão relacioná-los com o panorama histórico do rock brasileiro, estudados no Encontro 1. Nesse momento, os alunos terão que identificar como esses aspectos se materializam na música *O Tempo Não Para*, de Cazuza.

Como atividade para ser realizada pelos alunos de forma assíncrona, será proposto que os alunos escolham uma estrofe dentre as 4 músicas objeto-alvo da oficina e façam um pequeno parágrafo abordando os aspectos linguísticos e extralinguísticos identificados por eles no excerto selecionado. Nesta atividade, que será realizada por meio da plataforma *Google Forms*, os alunos poderão também exercitar a investigação das significações que fluem dos versos, sendo que esse processo será melhor desenvolvido no Encontro 3.





Encontro 3: Olhos e ouvidos na música

Para o último encontro da oficina, o intuito é articular todos os encontros desenvolvidos. Uma vez que os alunos já possuem informações sobre o meio social que cerca as músicas do rock brasileiro e as estratégias de leitura para se atingir uma leitura crítica, a finalização da oficina se efetiva em uma prática de leitura na qual os alunos são colocados como protagonistas da discussão proposta.

Considerando que as músicas são gêneros textuais híbridos e interacionais, que chamam seu interlocutor para um diálogo, reiteramos o que afirma Rojo (2002, p. 3): “o texto deixava pistas da intenção e dos significados do autor e era um mediador desta parceria interacional”. Isso posto, neste terceiro encontro o aluno deve ser guiado a desvendar essas pistas deixadas pelo autor, relacionando seu repertório sociocultural com as técnicas de leitura assimiladas, a partir da escuta e leitura da música *Ideologia*, de Cazuza. Tendo em vista tudo o que foi desenvolvido ao longo dos encontros, espera-se que o aluno consiga desvendar as significações presentes nos versos da música, de modo a interpretar o dito e o não-dito nas letras.

Tanto a letra da música quanto o vídeo-clipe poderão ser utilizados para ajudar os alunos a desvendarem os significados da canção, de forma a trabalhar a linguagem escrita, sonora e visual. Dessa maneira, por meio da escuta, leitura e interpretação da música, os alunos serão encaminhados a se posicionar frente às questões identificadas, de modo que o grupo mergulhará em diferentes pontos de vista sobre um mesmo assunto. Por meio dessa leitura, os alunos terão a oportunidade de refletir sobre a exterioridade da linguagem, a relação dos temas tratados na música com vivências de seu cotidiano e como a música, enquanto manifestação artística, age por meio de representações. Em outras palavras, a análise da música poderá suscitar a revisão e construção de argumentos e o ato do posicionamento.

Ficha de autoavaliação

Por último, da mesma forma que é importante entender as percepções iniciais dos alunos, coletadas por meio da ficha diagnóstica, também é essencial compreender como o aluno assimilou os saberes desenvolvidos ao longo de toda a oficina. Para isso, elaboramos perguntas abertas para que o aluno tenha um espaço para relatar a sua percepção em relação às atividades desenvolvidas; de que forma a oficina contribuiu para o desenvolvimento dele na disciplina de LP e na capacidade de leitura; quais as ferramentas utilizadas facilitaram seu





processo de aprendizagem; quais temáticas abordadas nos encontros mais se destacaram para ele; e, ainda, quais modificações poderiam ser feitas para o aperfeiçoamento das atividades da oficina de leitura e música.

Diferentemente da ficha diagnóstica, elaborada na ferramenta online *Padlet*, aqui optamos por utilizar o *Google Forms* como suporte para a ficha de autoavaliação, de modo que ela foi construída como um *feed* vertical, em que as perguntas aparecem de forma progressiva. Mesmo que no *Padlet* os alunos possam interagir de forma anônima, isto é, sem se identificar com nome, entendemos que as respostas exigidas para a autoavaliação podem ter um caráter mais pessoal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

À vista das transformações sociais provocadas pelos avanços tecnológicos, tornou-se mais urgente a necessidade da escola assumir a posição de uma agência de democratização de letramentos. No mundo contemporâneo, circulam socialmente textos variáveis quanto aos usos e significados. A fim de se formar, de maneira ética e crítica, alunos que se reconheçam enquanto sujeitos sociais, é exigida a revisão das estratégias de ensino adotadas até então, para que seja ampliada a inserção de práticas e culturas não contempladas pela educação escolar.

Consideramos que tal modelo pode ser útil para inspirar professores a explorar as possibilidades dos multiletramentos no ensino de LP mediante o uso da música como ferramenta didática e facilitadora da aprendizagem. Além disso, o modelo didático descreve uma tentativa de, por meio da combinação intencional de diferentes ferramentas, criar aulas mais dinâmicas.

Uma vez que buscamos meios de contribuir para a ampliação da capacidade leitora de alunos do Ensino Médio, acreditamos que a leitura quando abordada em sala de aula tem potencial para ser prazerosa e conceder poderes únicos ao indivíduo no exercício da cidadania. Para tanto, a escola deve funcionar como um espaço para a manifestação das mais diversas práticas sociais de leitura e escrita, possibilitando aos professores de língua, em conjunto com os alunos, traçar meios de construir relações de ensino e aprendizagem mais afetivas e eficazes.

Através da escuta e leitura de uma música, portas são abertas para a investigação acerca dos significados da linguagem e para a identificação das ideologias que atravessam os





sujeitos, destacando assim a não neutralidade dos textos. Não somente, as músicas do rock brasileiro contribuem para o aprimoramento da capacidade linguística, mas também para a identificação do ser enquanto cidadão crítico e consciente da sua realidade.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, I. **Aula de português: encontro e interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2016.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>>. Acesso em: 08 abr. 2025.

CANEPPELE, I. **A vida louca da MPB**. São Paulo: Leya, 2015.

COSTA, N. B. da. As letras e a letra: o gênero canção na mídia literária. In: Dionísio, A.; Machado, A. R.; Bezerra, M. A. (Org.). **Gêneros textuais e ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

GRANGEIA, M. L. **Redemocratização e desigualdades sociais segundo Cazusa e Renato Russo**. Aurora, São Paulo, v. 12, p. 45 - 71, 2011

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

KLEIMAN, A. B. **Preciso “ensinar” o letramento?** Não basta ensinar a ler e a escrever? Cefiel/IEL/UNICAMP, 2005.

ROJO, R. **Letramento e capacidades de leitura para a cidadania**. LAEL-PUC, São Paulo, 2002.

ROJO, R. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

ROJO, R.; MOURA, E. Letramentos. In: ROJO, R.; MOURA, E. **Letramentos, Mídias e Linguagens**. São Paulo: Parábola Editorial, 2019.

SILVEIRA, D. T.; CÓRDOVA, F. P. A pesquisa científica. In: GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. (Orgs.). **Métodos de Pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. cap. 2, p. 31-42.

